



SUBJETIVIDADE PLURALIZADA E COMPORTAMENTALISMO: UMA LEITURA COMPORTAMENTALISTA DA TRANSEXUALIDADE

Denisse Brust López (PIBIC/Uem), Carlos Eduardo Lopes (Orientador),
Carolina Laurenti (Co-orientadora), e-mail: brust.brust@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas - Psicologia

Palavras-chave: Transexualidade; Behaviorismo Radical, Subjetividade

Resumo:

O termo “transexualidade” tem suas origens no campo da medicina, o que o dotou, desde o início, de um caráter normativo, patologizante e ligado ao controle social. No entanto, as discussões contemporâneas a respeito do fenômeno parecem afastar-se dessas características, reivindicando um entendimento emancipador, processual, contextual e complexo do assunto. O Behaviorismo Radical, baseando-se no modelo skinneriano de explicação do comportamento por variação e seleção pelas consequências, permite entender a transexualidade de uma forma complexa (por meio de três dimensões da subjetividade humana: a orgânica, a pessoal e a reflexiva), relacional (entendendo que o fenômeno apenas pode ser compreendido na relação histórica com seu contexto), não-normativa (deslocando o foco dos padrões socialmente construídos para a funcionalidade do comportamento) e não-patologizante (entendendo que o humano é plural e que, portanto, formas de existência não-normativas são apenas mais uma opção possível e não uma patologia a ser curada).

Introdução

Este estudo partiu de uma lacuna teórica presente na Análise do Comportamento no tocante ao assunto da transexualidade, e pretendeu esboçar, na perspectiva desta abordagem teórica, uma explicação do fenômeno à luz de uma teoria multidimensional da subjetividade.



**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**

 **CNPq**
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

 **PARANÁ**
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior



Na literatura tradicional sobre o assunto, o fenômeno transexual é apresentado como complexo e envolvendo fatores psico-sociais e biológicos, sendo que o alicerce dessa classificação é uma medida de controle e normatização social, fruto da sociedade moderna e higienista, na qual o diferente era temido e, portanto, segregado, controlado e, quando possível, corrigido (ROUGHGARDEN, 2004).

No entanto, nas últimas décadas as discussões sobre a transexualidade têm ganhado força e amplitude, tornando-se mais críticas e contemplando uma considerável multidisciplinaridade (ROUGHGARDEN, 2004). Para acompanhar esses avanços, a psicologia precisa adotar uma visão pluralista e emancipadora do fenômeno transexual, afastando-se não apenas da patologização, mas também de qualquer outro aspecto com fins normatizadores. O behaviorismo radical, filosofia da análise do comportamento, apresenta uma visão de mundo e de ser humano compatível com essas necessidades (LOPES, 2006, LOPES; LAURENTI; ABIB, 2012). Essa teoria oferece uma possibilidade de compreensão da subjetividade humana que permite lidar com as diferenças de forma ética e emancipadora, indo, portanto, ao encontro da luta que vem sido travada nos últimos tempos pela comunidade *trans* (ROUGHGARDEN, 2004).

Materiais e métodos

Esta pesquisa é de natureza conceitual e foi elaborada em duas etapas: 1) análise de textos de B. F. Skinner e comentadores que tratam da subjetividade humana por meio de uma teoria multidimensional; 2) articulação da teoria multidimensional da subjetividade com o fenômeno da transexualidade, de modo a construir uma interpretação comportamental desse fenômeno. Os resultados são apresentados abaixo na forma de um texto.

Resultados e Discussão

Com uma inspiração darwinista, Skinner (1987) defende a existência de três níveis de seleção e variação (filogenético, ontogenético e cultural), que tem como produto três dimensões da subjetividade humana: o organismo, a pessoa e o *self* (LOPES, 2006). Essas dimensões, processos históricos e contextuais que se relacionam de modo interdependente e não-hierárquico. Isso não torna imperativo, porém, que haja harmonia entre essas





dimensões, podendo haver conflitos entre organismo, pessoa e *self* (LOPES, 2006; LOPES; LAURENTI; ABIB, 2012).

Desse modo, é possível compreender que no caso dos indivíduos designados como transexuais, existe um conflito entre as dimensões de sua subjetividade no tocante à identidade de gênero. Em outras palavras, a identidade de gênero da dimensão orgânica não estaria em consonância com a identidade de gênero das dimensões pessoal e do *self*.

As questões do binarismo e do essencialismo não podem ser deixadas de lado nessa discussão, já que fazem parte do contexto em que emerge a questão de uma identidade *trans* (ROUGHGARDEN, 2004). A normatização binária dos corpos sexuados, que vigora há séculos em nossa cultura, acaba reduzindo as opções de existência a apenas duas (homem/mulher) e impondo papéis de gênero pré-estabelecidos e cristalizados (masculino/feminino). A instalação e manutenção desses parâmetros binários de normalidade se dá mediante controle aversivo: punindo o comportamento daqueles que não se encaixam neles (e, consequentemente, provocando nesse indivíduo sentimentos de raiva, confusão, angústia e ansiedade) (MALOTT, 1996). Desse modo, o sofrimento de indivíduos *trans* parece estar relacionado mais às contingências sócio-culturais, do que às particularidades de suas subjetividades.

Desde o nascimento, os atributos orgânicos do sujeito são associados a determinados rótulos, orientações sexuais e papéis de gênero, e os demais indivíduos passam a se comportar de certas formas na presença desse organismo, modelando um repertório comportamental. Apesar desse controle social ser em grande parte efetivo, as relações cotidianas que o sujeito estabelece com outros podem desidentificar o organismo das outras duas dimensões de sua subjetividade. Nesse caso, mesmo que o organismo corresponda culturalmente a um determinado sexo, se um repertório comportamental associado ao sexo oposto é positivamente reforçado até adquirir determinada força e regularidade (podendo configurar uma dimensão pessoal também associada ao sexo oposto) é muito provável que venha acompanhado de um *self* que também se identifique com o sexo oposto. No entanto, a cultura pune aqueles que apresentam tais incongruências, fazendo com que se sintam culpados e angustiados com sua condição, e, geralmente, busquem de diferentes maneiras integrar organismo, pessoa e *self*.

Conclusões



**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior



Os resultados obtidos permitem compreender, em primeiro lugar, a complexidade da subjetividade humana, que articula um organismo, uma pessoa e um self. Em segundo lugar, quando aplicada à transexualidade, uma teoria multidimensional da subjetividade conduz a compreensão do fenômeno *trans* com um conflito entre as diferentes dimensões, o que só é fonte de sofrimento por conta de contingências culturais normatizantes. Consequentemente, essa visão afasta-se do reducionismo biológico (a subjetividade é muito mais do que a biologia), do essencialismo (a subjetividade não é a realização de uma essência imutável) e da culpabilização do indivíduo (participam da construção da subjetividade múltiplas contingências, e muitas delas não são sequer discriminadas pelo indivíduo).

Agradecimentos

Registra-se aqui os melhores agradecimentos ao Dr. Carlos Eduardo Lopes por sua enorme dedicação, sua valiosa ajuda, sua paciência e sua confiança, assim como ao CNPq, Fundação Araucária e UEM pela concessão da Bolsa de Pesquisa que muito auxiliou na realização da pesquisa.

Referências

LOPES, C. E. **Behaviorismo Radical e Subjetividade**. 2006. 000 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006.

LOPES, C. E.; LAURENTI, C.; ABIB, J. A. D. **Conversas Pragmatistas sobre Comportamentalismo Radical**. Santo André: ESETec Editores Associados, 2012.

MALOTT, R. W. A Behavioral Analytic View of Sexuality, Transsexuality, Homosexuality and Heterosexuality. **Behavior and Social Issues**, v. 6, n. 2, 1996.

ROUGHGARDEN, J. **Evolution's rainbow: diversity, gender, and sexuality in nature and people**. California: University of California Press Berkeley and Los Angeles, 2004.

SKINNER, B.F. **Upon Further Reflection**. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1987.

